

O SEGREDO DE JASPER JONES

CRAIG SILVEY

O segredo de Jasper Jones

TRADUÇÃO DE DOMINGOS DEMASI



copyright © 2009 Craig Silvey

TÍTULO ORIGINAL
Jasper Jones

PREPARAÇÃO
Ana Julia Cury
Elisa Nogueira

REVISÃO
Cristhiane Ruiz

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

ADAPTAÇÃO DA CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
S593s

Silvey, Craig, 1982-

O segredo de Jasper Jones / Craig Silvey; tradução de
Domingos Demasi. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
288p.: 23cm

Tradução de: Jasper Jones
ISBN 978-85-8057-170-7

1. Romance australiano. I. Demasi, Domingos.
II. Título.

10-1031.

CDD: 828.99343
CDU: 821.111(94)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Jasper Jones veio até a minha janela.

Não sei por que, mas veio. Talvez esteja enrascado. Talvez não tenha outro lugar aonde ir.

De qualquer maneira, ele simplesmente me deixou borrado de medo.

Este é o verão mais quente de que consigo me lembrar, e o calor espesso parece penetrar e permanecer no meu quarto. É como se o centro da Terra fosse aqui. O único alívio é o ar mais frio que se infiltra por entre as ripas finas da minha única janela. É quase impossível dormir, portanto passei a maior parte das minhas noites lendo à luz do meu lampião a querosene.

Hoje não foi diferente. E, quando Jasper Jones bateu abruptamente nas ripas com o nó do dedo e sussurrou meu nome, pulei da cama, derrubando meu exemplar de *Pudd'nhead Wilson*.

– Charlie! *Charlie!*

Ajoelhei-me como um corredor, alerta e temeroso.

– Quem é?

– Charlie! Venha aqui fora!

– Quem é?

– É o Jasper!

– O quê? *Quem?*

– Jasper. *Jasper!* – Ele pressionou o rosto na direção da luz. Os olhos eram verdes e selvagens. Franzi o cenho.

– O quê? *Sério?* O que é?

– Preciso da sua ajuda. Venha aqui fora e eu explico – sussurrou ele.

– O quê? Por quê?

– Jesus *Cristo*, Charlie! Depressa! Venha aqui fora.

E, assim, aqui está ele.

Jasper Jones está à minha janela.

Tremendo, subo na cama e removo as ripas de vidro empoeiradas, empilhando-as sobre o travesseiro. Rapidamente, enfio uma calça jeans e apago o lampião com um sopro. Ao me espremer para fora do quarto, a cabeça primeiro, algo invisível puxa minhas pernas. É a primeira vez que ousa sair escondido de casa. A emoção, junto ao fato de que Jasper Jones precisa da *minha* ajuda, já faz desse momento algo maravilhoso.

Minha saída pela janela é um pouco como o nascimento de um potro. Uma queda estabana e desajeitada sobre o canteiro de gérberas da minha mãe. Levanto-me rapidamente e finjo que não doeu.

É uma noite de lua cheia muito tranquila. Os cachorros da vizinhança provavelmente estão com calor demais para latir seu alerta. Jasper Jones está no meio do nosso quintal. Ele muda o pé de apoio do direito para o esquerdo, como se o chão estivesse se desfazendo.

Jasper é alto. Tem só um ano a mais do que eu, mas parece muito mais velho. Tem o corpo magro, mas bem-definido. Seu físico e seus músculos já foram trabalhados. O cabelo é uma confusão de tufo duros. É evidente que ele mesmo o corta.

Jasper Jones é grande demais para suas roupas. Sua camisa de botões está suja e prestes a rebentar, e a bermuda foi cortada logo abaixo dos joelhos. Não usa sapatos. Parece um náufrago numa ilha.

Ele dá um passo na minha direção. Dou um passo para trás.

– Tudo bem. Você está pronto?

– O quê? Pronto para quê?

– Já falei. Preciso da sua ajuda, Charlie. Vamos. – Seus olhos movem-se rapidamente; ele coloca o peso do corpo para trás.

Estou empolgado, mas tenho medo. Queria muito dar meia-volta, me enfiar pelo cu de cavalo do qual acabei de cair e me sentar em segurança no ventre quente que é meu quarto. Mas esse é Jasper Jones, e *ele* veio até *mim*.

– Tudo bem. Espere – digo, notando que meus pés estão descalços. Vou até a escada nos fundos da casa, onde estão minhas sandálias, bem-lavadas e perfeitamente alinhadas. Ao calçá-las, percebo que aquilo, usar sandálias afrescadas, é minha primeira demonstração de afeminação, e não demorou muito. Portanto, volto com o máximo de masculinidade que consigo

reunir, o que, mesmo sob a luz da lua, deve lembrar algo como uma galinha com artrite.

Cuspo, fungo e assoo o nariz.

– Tá tudo bem? Você tá pronto?

Jasper não responde. Simplesmente se vira e caminha.

Eu o sigo.

Após escalarmos a cerca nos fundos do quintal, seguimos morro abaixo para Corrigan. As casas se amontoam, cada vez mais próximas, e, então, param bruscamente quando chegamos ao meio da cidade. Tarde assim, a arquitetura é desolada e sem cor. Parece que perambulamos por um cartão-postal. Em direção à orla leste, após a estação ferroviária, as casas florescem novamente, e seguimos silenciosamente sob as luzes das ruas, que iluminam gramados e jardins. Não faço ideia sobre aonde vamos. Quanto mais avançamos, mais intensamente cresce minha apreensão. Contudo, há alguma coisa encorajadora em estar acordado quando o resto do mundo está dormindo. Como se eu soubesse algo que ninguém mais sabe.

Caminhamos por uma eternidade, mas não faço perguntas. Um pouco além da cidade, passando a ponte e a parte larga do rio Corrigan e entrando na área das fazendas, Jasper para e coloca um cigarro na boca. Calado, ele agita o maço amarfanhado na minha direção. Eu nunca fumei. Certamente nunca me ofereceram um cigarro. Sinto um acesso de pânico. Querendo ao mesmo tempo recusar e impressioná-lo, por algum motivo decido apertar as palmas das mãos contra a barriga e inflar as bochechas enquanto balanço negativamente a cabeça para sua oferta, sugerindo já ter fumado tanto naquela noite que simplesmente estava cheio demais para mais um cigarro.

Jasper Jones ergue uma sobrancelha e dá de ombros.

Ele se vira e apoia o quadril em uma estaca de um portão. Enquanto Jasper traga a fumaça, olho além dele e reconheço o lugar. Dou um passo para trás. Ali, fantasmagoricamente ao luar, está a velha cabana de Mad Jack Lionel. Rapidamente, olho para Jasper. Mad Jack é um personagem responsável por muita especulação e intriga entre a garotada de Corrigan. Nenhuma criança nunca o viu de verdade. Há quem afirme, de peito estufado, tê-lo visto ou encontrado, mas essas pessoas são rapidamente expostas como mentirosas. Contudo, as falsas histórias e os boatos se entrelaçam delicadamente em torno de um único fato irrefutável: Jack Lionel matou uma jovem alguns anos atrás, e, desde então, nunca mais foi visto fora de casa. Ninguém entre nós conhece as verdadeiras

circunstâncias do acontecido, mas teorias surgem regularmente. É claro que a extensão e a natureza dos seus crimes pioraram com o tempo, o que apenas acrescenta mais feno ao palheiro e enterra a agulha ainda mais fundo. Mas, enquanto o mito cresce, o mesmo acontece com o nosso medo do assassino louco escondido em sua casa.

Um teste popular de coragem, em Corrigan, é roubar algo da propriedade de Mad Jack Lionel. Pedras, flores e escombros de todo tipo são trazidos rapidamente e com orgulho da extensão de capim seco e alto do seu jardim para serem examinados com espanto. O feito mais raro e venerado, porém, é roubar um pêsego da enorme árvore, que parece a mão de um zumbi irrompendo da sepultura, e fica ao lado da cabana. Roubar e comer um pêsego da propriedade de Mad Jack Lionel garante majestade instantânea. O caroço do pêsego é guardado como lembrança de um ato heroico e é admirado e invejado.

Fico pensando se estamos ali para cada um roubar um pêsego. Espero que não. Por mais que eu goste da ideia de elevar a minha posição, nasci sem velocidade ou coragem, ambas qualidades essenciais à operação. Além do mais, mesmo que por milagre eu conseguisse pegar um pêsego, tenho certeza de que ninguém, nem mesmo Jeffrey Lu, acreditaria em mim.

Entretanto, noto que Jasper olha atentamente para a casa. Ele joga o cigarro no chão com um peteleco e pisa-o.

– É isso? É para lá que a gente está indo? – pergunto.

Jasper se vira.

– O quê? Não. Não, Charlie, só paramos para um cigarro.

Tento ocultar o meu alívio enquanto olhamos para a propriedade de Lionel.

– Você acha que é tudo verdade? – pergunto.

– Sim, acho. É tudo besteira, a maior parte do que as pessoas dizem, mas acho que ele é mesmo maluco.

– Certeza – digo. Depois, fungo e cuspo outra vez. – Completamente maluco.

– Eu vi ele, sabe. Várias vezes. – afirma Jasper tão naturalmente que acredito nele. Abro um sorriso.

– Sério? Como ele é? É alto? Tem mesmo uma longa cicatriz descendo pelo rosto?

Mas Jasper apenas chuta um pouco de terra sobre o cigarro e dá meia-volta como se não me ouvisse. Estamos andando novamente.

– Vamos logo – diz ele.

Sigo, arrastando os pés.



Voltamos a caminhar junto ao rio. Seguimos por algum tempo para leste, ao longo das margens erodidas. Não falamos. Os cajeputes e eucaliptos que nos protegem parecem misteriosos e etéreos sob a luz prateada, e me flagro acompanhando o passo de Jasper.

Reconheço menos e menos a paisagem. As margens se tornam mais sujas e bagunçadas à medida que o rio se estreita, e pequenos arbustos se salpicam nas bordas. Em pouco tempo, estamos limitados a seguir um atrás do outro ao longo das estreitas trilhas de cangurus afastadas da água.

As passadas de Jasper são compridas e fortes. Sigo atrás dele, observando suas panturrilhas se contraírem na escuridão. Sua certeza e sua presença tornam fácil segui-lo. Ainda estou com medo, é claro, mas algo sobre estar na presença de Jasper é tranquilizador. Confio nele, mesmo, embora não tenha motivos, e isso me torna um entre poucos.

Jasper Jones tem uma péssima reputação em Corrigan. É um Ladrão, um Mentiroso, um Bandido, um Vagabundo. É preguiçoso e não se pode confiar nele. É selvagem e órfão, ou é como se fosse. Sua mãe está morta e seu pai não presta. Ele é o péssimo modelo que os pais usam para assustar os filhos: *Você vai acabar assim, se for desobediente*. Jasper Jones é o exemplo de até onde a falta de ambição pode levar.

Em famílias por toda a Corrigan, ele é o primeiro nome a ser culpado por qualquer problema. Seja qual for o delito, e a obviedade da culpa dos próprios filhos, os pais perguntam imediatamente: *Você esteve com Jasper Jones?* E, é claro, na maioria das vezes, os filhos mentem. Confirmam com a cabeça, pois o envolvimento de Jasper absolve-os instantaneamente. Significa que foram desencaminhados. Caíram na armadilha. E quando os casos são encerrados, o recado é simples: *Fique longe de Jasper Jones*.

Eu tinha ouvido Jasper Jones ser descrito como mestiço, o que nunca havia entendido realmente até mencionar isso certa noite, à mesa do jantar. Meu pai é um homem sereno e razoável, mas essas palavras fizeram ele bater com os talheres na mesa e me encarar através dos seus óculos de grossos aros pretos. Ele me perguntou se eu sabia o que significava o que acabara de dizer. Eu não sabia. Então ele se acalmou e explicou.

Mais tarde, naquela noite, ele foi ao meu quarto com uma pilha de livros e, baixinho, me ofereceu o que desejei durante toda a minha vida: permissão para

ler o que eu quisesse da sua biblioteca. As fileiras e pilhas de romances do meu pai me deixaram admirado desde que ele me ensinou a ler, mas ele sempre escolheu os livros que achava apropriados. Portanto, aquilo me pareceu importante, e ficou claro para mim que também era algo significativo para ele. Contudo, fiquei imaginando se ele fizera aquilo foi porque achava que eu estava crescendo ou se estava preocupado que Corrigan pudesse me seduzir a coisas que o perturbavam.

De qualquer modo, algo proibido fora liberado. Para começar, ele me deu uma pilha de volumes de escritores sulistas, encadernados em couro. Welty, Faulkner, Harper Lee, Flannery O'Connor. A maior parte da pilha, porém, eram obras de Mark Twain. Devia ter uma dúzia de livros dele.

Enquanto colocava os livros delicadamente sobre minha escrivaninha, meu pai me disse que Twain era o único motivo pelo qual ele ensinava literatura. Ele disse que não havia nada que esse escritor não pudesse nos ensinar e nada sobre o que não tivesse uma opinião. E que Twain era tão sábio quanto qualquer conselho e que, se cada homem, em algum momento da sua vida, lesse pelo menos um dos seus livros, o mundo seria muito melhor.

Em seguida, pressionou o polegar no meu topete, como às vezes fazia, passou a mão pelo meu cabelo e sorriu.

Era inverno. Agora, estou na metade da pilha de livros. Entendo por que ele os escolheu. Gostei muito do livro de Harper Lee, mas disse ao meu pai que *Huckleberry Finn* era o meu favorito. Comecei a ler *O som e a fúria*, mas tive de abandoná-lo. Para ser honesto, não entendi nada do livro. Mas me recusei a perguntar ao meu pai. Não queria que ele pensasse que eu não sou inteligente o bastante.

Porque, na verdade, isso é tudo o que sempre tive. Corrigan é uma cidade cuja moeda social é o esporte. É nele que a maioria dos garotos encontra e mantém sua identidade. A mina emprega a maioria das pessoas, e a estação elétrica arrebata o restante, o que significa que não há muita divisão de classes. Assim, os garotos estabeleceram uma hierarquia baseada em suas habilidades com uma bola, em vez das suas roupas ou do carro da família. Sou péssimo em esportes, e melhor do que a maioria nos estudos, o que me garante apenas raiva e ressentimento por parte dos meus colegas quando os boletins são distribuídos. Mas, pelo menos, sou superior a eles em alguma coisa, embora seja uma comemoração solitária.

É claro que isso também significa ser ignorado na maior parte do tempo. É pior para Jeffrey Lu, meu melhor e único amigo, que é mais novo, e menor e, para ser honesto, mais inteligente do que eu. Jeffrey pulou um ano e é meu

principal adversário na disputa pelo primeiro lugar da classe, além de Eliza Wishart. Mas não me incomodo com eles. Muito menos com Eliza.

Os pais de Jeffrey são vietnamitas, então ele sofre um *bullying* impiedoso e apanha dos garotos na escola. Provavelmente, ele tem uma reputação ainda pior que a de Jasper. Mas lida com tudo isso espantosamente bem, o que sempre ameniza minha culpa, considerando que não sou corajoso o suficiente para intervir. Jeffrey é imperturbável. Tem um sorriso que você não consegue apagar, estapear ou arrancar do seu rosto. E, diferentemente de mim, ele nunca apela para delações ou ofensas. De certa maneira, ele é mais confiante do que qualquer um daqueles desgraçados vingativos com caroços de pêssego nos bolsos. Mas eu jamais lhe disse isso.

Quando Jasper Jones para e segura meu ombro, estremeço como se tivesse levado um choque. Empurro meus óculos para o alto do nariz e espero. Jasper abre caminho por entre um arbusto e me conduz. Estamos saindo da trilha. Hesito.

– Aonde vamos? Para que você precisa de mim?

– Não está muito longe, Charlie. Você vai descobrir.

Confio nele. Tenho de confiar. Vim longe demais. Se ele me deixasse aqui agora, eu jamais conseguiria voltar.

Não consigo ouvir o rio, e os galhos acima de nós encobriram o luar. Ao seguirmos adiante, acho cada vez mais difícil imaginar de que tipo de ajuda Jasper precisa. Não entendo que habilidade em particular posso oferecer. É uma estranha união, Jasper Jones e eu. Nós nunca nos falamos antes. Estou surpreso que ele saiba o meu nome, quanto mais onde eu moro. Ele raramente vai à escola; apenas o suficiente para se qualificar para o futebol. Eu só o vi a distância, por isso não posso deixar de me empolgar com esse senso de inclusão. Na minha cabeça, já estou compondo o que contarei para Jeffrey.

Estamos agora numa mata bem densa. O silêncio é sobrenatural. Jasper ainda não disse uma palavra sem que eu o incitasse, e suas respostas não passaram de explosões bruscas. Apesar da ausência de pontos de referência, ele parece saber exatamente aonde vai, e me sinto agradecido por isso. Mantenho-me próximo, atrás dele, como um cachorro fiel e sem coleira. Minha expectativa cresce. Pergunto-me se meus pais me ouviram sair. Não tenho certeza do que eles fariam se encontrassem meu quarto vazio. Lençóis embolados, cama ex-

posta, ripas de vidro empilhadas. Precisariam deduzir que fui levado. Sequestrado. Nunca acreditariam que eu escapuli por vontade própria. Essa é, de longe, minha pior transgressão. Provavelmente, minha única transgressão. E, se eu for pego, provavelmente serei o único garoto em Corrigan que poderá argumentar honestamente ter sido desencaminhado por Jasper Jones.

Ele está andando mais depressa. Galhos e arbustos batem em mim com mais força. Meu braço foi arranhado por samambaias. Não reclamo. Apenas ajusto minha velocidade para acompanhá-lo. Nossos pés dividem o mesmo ritmo militar. Suo.

Então, Jasper Jones para.

Bem aqui. Ao pé de um enorme e velho eucalipto. A árvore tem uma circunferência espantosa. Não consigo evitar olhar acima, para ver até onde ela alcança. Posso sentir minha pulsação batendo nas têmporas. Estou ofegante. Preciso limpar meus óculos. Quando olho novamente para baixo, noto que Jasper Jones olha para mim. Não consigo distinguir sua expressão. É como se fosse pular de algum lugar muito alto. Inclino a cabeça para o lado e, subitamente, sinto muito medo. Sou assaltado por um terrível pressentimento. Algo está errado. Algo aconteceu. Meu peso está sobre os calcanhares. Não quero mais estar aqui.

Ele gesticula em direção a uma cortina de acácias, à esquerda do eucalipto.

– É por aqui – diz ele.

– O quê? O *que* é?

– Você vai ver, Charlie. Merda. Vai querer não ter visto, mas vai ver. Não é muito tarde, mas... Tem certeza de que vai me ajudar?

– Você não pode simplesmente me *dizer*? O que é? O que tem depois dali?

– Não posso. Não posso, parceiro. Mas posso confiar em você, Charlie. Acredito que posso confiar em você.

Não é uma pergunta, mas parece.

E eu acredito que, se fosse outra pessoa, eu teria recuado e me virado na mesma hora. Jamais abaixaria minha cabeça e avançaria por entre aquelas acácias, e seus globos dourados jamais se soltariam e se aninhariam em meu cabelo como confete. Jamais agarraria seu tronco áspero para não cair. Jamais separaria suas tranças de folhagem. E jamais ergueria a cabeça para ver aquela agradável clareira. Eu jamais teria olhado além de Jasper Jones para descobrir seu segredo.

Mas não me viro. Fico. Sigo Jasper Jones.

E vejo aquilo.

E tudo muda.

O mundo se rompe, gira e se sacode.

Estou gritando, mas os gritos são abafados. Não consigo inspirar. Sinto como se estivesse debaixo d'água. Surdo e afogando-me. Jasper Jones pressiona uma das mãos sobre minha boca, e a outra está atravessada pelos meus ombros, pushing-me em sua direção. Meu quadril se força para trás, para trás, para trás e fora dali, mas meus pés estão enraizados na clareira. Felizmente, meus olhos se enchem de lágrimas e obscurecem tudo, até elas serem expulsas pelo pestanejar. E está ali novamente, diante de mim. Jasper me segura com força. Ele envolve facilmente minha magra estrutura. É horrível. Horrível demais para palavras.

É uma garota.

É uma garota que veste uma suja camisola de renda creme. Está pálida. Sob a luz prateada, posso ver que tem arranhões descendo pelos braços. E pelas panturrilhas. E seu rosto está manchado, machucado e ensanguentado. E ela está pendurada pelo pescoço numa corda grossa amarrada a um dos galhos principais de um eucalipto prateado. Está imóvel. Está mole. Seus pés estão nus e voltados para dentro. Seu cabelo longo está preso firmemente sob o laço. Sua cabeça está caída para o lado, como uma obra de arte bíblica. Ela parece decepcionada e triste. Resignada.

Não consigo desviar o olhar. Jasper não consegue olhar. Ele me segura daquele modo, com as costas viradas para a garota, absorvendo meus movimentos até eu ficar quieto. Respiro muito rapidamente. E estremeço. Não entendo. Ele *sabia* daquilo. Ele sabia e me trouxe aqui. Para ver uma garota enforcada pendendo de uma árvore. Ela está morta. Ela morreu. Jasper tira a mão do meu ombro quando falo. Mal consigo ficar de pé.

– Quem é?

Jasper Jones demora algum tempo para responder.

– Laura Wishart. É Laura.

Também demoro um momento.

– Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. É mesmo. É ela.

– É – diz Jasper, com suavidade. Agora ele a observa. Com o canto do olho, vejo sua cabeça balançar levemente. Ele agora parece tão magro. E desengonçado. Como um menino. Estou completamente perdido. Tudo parece lento e como num sonho. Parece, mesmo. Como se eu não estivesse aqui e isso não estivesse acontecendo. É tudo uma visão. Estou fora dela. Assistindo, fora do meu corpo, vendo tudo numa tela.

– Sinto muito, Charlie. Desculpe por isso, parceiro. Não sei o que fazer. Abraço meus cotovelos. Viro-me para Jasper Jones.

– Por que você me trouxe aqui? Eu não deveria estar aqui. Tenho de voltar para casa. Você precisa contar isso a alguém.

– Espere. Charlie, ainda não, parceiro. Ainda não. – É um pedido determinado. Ficamos em silêncio.

– Por que ela fez isso? O que é...? Quero dizer, *o quê?* Não entendo. O que *aconteceu?* – Estou quase sussurrando.

– Não foi ela. Quer dizer, ela mesma. Não foi ela.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer que não pode ter sido ela, Charlie.

– O quê? Por quê?

– Não pode. Para começar, olhe. Olhe para aquela corda. Viu? É minha. É minha corda. Uso para me balançar e mergulhar ali na represa. Olhe. Viu? Mas sempre a escondo. Enrolo ela no alto, naquele galho, para ninguém ver.

Jasper fala depressa. Rápido demais para absorver. E, pela primeira vez, observo a área ao redor. Atrás do eucalipto, que é largo e oco na base, como uma tenda aberta, há um pequeno poço. Diante dele, o espaço onde estamos é perfeitamente amplo e rodeado por arbustos altos e árvores. É um pequeno e estranho enclave. Imagino que, durante o dia, deve ser algo extraordinário e assombroso. Um tranquilo oásis no mato. Agora, porém, parece simplesmente sinistro e sufocante. Preciso ir embora. Não posso ficar ali. Laura Wishart está morta. E está bem aqui. Não consigo olhar.

O eucalipto se ergue nu por cerca de cinco metros antes de estender o grosso braço em que a corda está amarrada. Exceto por uma gorda rebarba escura a meio caminho, não há onde apoiar os pés ou se agarrar.

– E é uma puta dificuldade subir ali – prossegue Jasper. – Você precisa quase subir abraçado à árvore. Como naqueles coqueiros ou algo parecido. Está vendo? Impossível Laura ter subido ali e se jogado. Impossível.

– E se ela usou um galho ou qualquer coisa? Ou a corda talvez tenha se soltado. Com o vento. Sei lá.

– Não vejo nenhum galho por perto, Charlie. Você vê? Nem vento. E a corda não pode ter se soltado, porque eu enrolei e amarrei. Porque não quero que ninguém saiba sobre este lugar.

Concordo com a cabeça, tonto. Não consigo pensar direito.

Tudo volta a ficar silencioso.

– Então o que você está dizendo? O que *significa* isso?

– Charlie. Escute. Estou dizendo que *ela não fez isso*.

– Então quem fez? – pergunto, antes que uma sensação fria de terror e apreensão subitamente faça com que eu me afaste dele. Engasgo na palavra: – Você?

Ele se vira para mim. Parece perplexo e desdenhoso. Balança a cabeça com impaciência. Seu queixo treme.

– O quê? Que merda, Charlie. Pensei que você fosse inteligente, parceiro. Acha que fui *eu*? Acha que *eu* fiz isso? É isso o que você pensa?

– Não sei. Não sei o que pensar.

E é verdade. Não sei. Apenas me sinto mal e muito cansado. Quero ir embora.

Mas Jasper se vira e balança novamente a cabeça. Ele cospe.

– Escute, Charlie. Preciso explicar. Este lugar aqui, este espaço, é como se fosse meu. Olhe, não sou o único que já estive aqui, mas sou o único que sabe como chegar. Ninguém estive aqui sem mim. Nunca. Bem, até agora. Até esta noite. Mas é aqui onde eu fico. Durmo e como aqui quando não estou em casa. É tipo minha casa. Entende?

Ele faz uma pausa para coçar a parte de trás da cabeça e desliza o braço pela testa. Pigarreia.

– Pois bem, vim para cá esta noite. E a primeira coisa... – Jasper para e arrasta os pés. Sua voz engrossa. – Puta merda, a primeira coisa que vi foi ela lá em cima. Vi que era Laura imediatamente. E corri até lá, agarrei as pernas dela e tentei levantá-la. Tentei impedi-la. Mas ela já tinha partido, Charlie. Pude sentir que já tinha partido, sabe?

Tudo vem a mim numa torrente confusa. Minha boca está entreaberta.

– E o que você fez? – pergunto.

– Bem, eu não sabia o que fazer. Eu só recuei e olhei para ela. Mas não pude ficar aqui. Simplesmente não pude. Fui embora. E então fui até sua casa.

– E você acha que alguém fez isso? Alguém a enforcou?

– Acho, Charlie. Olhe para o rosto dela. Está todo machucado. Ela não fez isso consigo mesma, fez? Alguém fez isso com ela.

– Quem?

– Não sei.

Nesse momento, eu me retraio e analiso as árvores. Meus joelhos tremem. Isso é um pesadelo. Precisa ser. Não estou vivendo isso.

– Cristo, Jasper! E se eles ainda estiverem por aí? E se ele estiver nos observando? No que você estava pensando? Por que me trouxe aqui?

Ainda analiso tudo. Parece que as árvores estão se fechando à minha volta.

– Calma, *calma*. Tá tudo bem. Charlie, tá tudo bem. Não tem ninguém aqui.

– Como? Como você sabe? – Estou guinchando. Como uma menina.

– Não sei. Apenas sei. Posso sentir – diz ele, calmamente.

Meu medo, porém, causa comichões. Um horrível formigamento na minha pele. Sinto-me como se alguém nos observasse. Ouvisse-nos atentamente. O corpo de Laura Wishart é assombroso e surreal. Está tão *perto*. Ainda não assimilei completamente sua morte. Que aquela não é mais Laura Wishart. É um saco vazio. Uma boneca de cera. Uma casca descartada. É tão estranho. Não consigo reunir qualquer ternura por ela. É como se houvesse uma parte de mim ali em cima, flácida e insensível.

Mas está claro que algo muito violento aconteceu neste lugar tranquilo. E estamos aqui na sua vigília, na sua passagem. Abalados pelas suas vibrações. Laura Wishart está morta. Veja. Morta. Está bem ali, pendurada naquela árvore. Bem ali. No centro da parte do mundo que pertence a Jasper Jones. Suspensa sobre seu pedaço de terra.

Dois garotos e um cadáver.

Tambores soam na minha cabeça. Bum, bum, bum. É difícil respirar nessa pequena clareira. Algo mudou. Uma bolha estourou. Quero sair. Sinto-me fraco. Preciso me afastar. Quero estar em casa, mas ela parece muito distante. E estou tão ameaçado pelo fato que, mesmo que eu consiga fugir, não chegaria à minha casa.

Não, é tarde demais. Como Jasper Jones, eu vi o que vi. Estou envolvido.

– Jasper, não sei o que fazer. Não sei por que estou aqui – falo, observando os pés nus e imundos de Laura Wishart. – Isso é horrível. Temos de contar para alguém.

Jasper me olha com uma intensidade desalentadora.

– Não, não podemos. Não podemos contar para ninguém. Não podemos contar para *ninguém*, Charlie. – Jasper pressiona firmemente os lábios, com os olhos arregalados e brancos. – Precisamos descobrir, Charlie.

– O que você quer dizer com *descobrir*?

– Precisamos descobrir quem fez isso. Quem matou Laura. Precisamos descobrir quem veio aqui e fez isso com ela.

Sacudo a cabeça brevemente antes de responder.

– Do que você está *falando*? Não, não precisamos! Vamos à polícia! É isso o que vamos fazer. Vamos ao sargento e contamos para ele o que aconteceu e onde ela está, e a *polícia* descobre. É o trabalho deles. Não podemos manter segredo. A família dela precisa saber. Isso não tem nada a ver com a gente.

– Merda, Charlie. Você não faz ideia, faz?

– O quê? Por quê?

– Abra os olhos, parceiro.

– O que isso *significa*? Eles *estão* abertos. O que está tentando me dizer?

Jasper suspira fortemente.

– Porra. Escute, Charlie, não podemos contar para *ninguém*. De jeito nenhum. *Especialmente* à polícia. Porque eles dirão que fui eu. De cara. Entendeu? Eles virão aqui, verão que é o meu lugar, verão o rosto dela, verão que ela apanhou, verão que é a minha corda. E dirão que fui eu quem matou ela. Eles me acusarão e me prenderão, parceiro. Sem perguntas.

– O quê? *Por quê*? Isso é besteira, Jasper. Isso não vai acontecer.

– É mesmo? – Jasper aponta para mim, erguendo-se como uma cobra. – Qual foi a primeira pessoa em quem *voce* pensou? Qual foi o primeiro nome que saiu da *sua* boca?

E aconteceu assim. Como quando você se dá conta de que não existe algo como *mágica*. Ou que, na realidade, nada responde às suas preces nem mesmo as ouve. Aquele momento frio de desalento, quando seus pés somem sob você, quando você é desarmado por um fragmento de entendimento. Ele tem razão. Jasper Jones tem razão. Ele está realmente encrencado.

É claro que esta cidade o culpará. É claro que Corrigan o acusará. E não importa o que ele disser. Sua palavra não vale merda nenhuma. Tudo o que importa é a morte dessa garota e a imaginação da cidade. Ele será algemado e preso. O pária que matou a filha do presidente do condado. Ele não tem a menor chance.

– Então, o que vamos fazer? E Laura? – pergunto. – Começarão a procurar assim que notarem sua falta. Encontrarão ela aqui de qualquer maneira.

Jasper balança brevemente a cabeça enquanto pega um cigarro. Noto que treme ligeiramente. Ele não responde à minha pergunta. Em vez disso, inicia outra linha de raciocínio.

– É isso o que eu não entendo, Charlie. Por que *aqui*? Como aconteceu *aqui*? Alguém me enganou. Alguém sabe sobre este lugar. Não acho que foi por acaso. Não pode ser.

– O quê? Você acha que alguém está tentando incriminar você? – pergunto. Jasper me oferece um cigarro e, novamente, por algum motivo, gesticulo sugerindo que estou cheio demais para aceitar.

– É, eu acho que pode ser, Charlie.

Estreito os olhos.

– Mas você disse que outras pessoas vieram aqui. Com você. Como eu, esta noite.

– Sim. Eu sei. Mas você é o único cara que esteve aqui, e posso contar nos dedos as outras pessoas.

– Você já trouxe Laura Wishart aqui?

Jasper Jones enfia as mãos nos bolsos e olha para o chão.

– Sim. Sim, eu trouxe. Algumas vezes, Charlie. Na verdade, muitas vezes. Mas sempre por um caminho diferente através da mata, para que ela nunca soubesse como chegar aqui sozinha.

– Por que você faria isso?

– Bem, o que você acha? Não quero que ninguém saiba como chegar aqui. É difícil explicar. Tudo bem dividir o lugar algumas vezes, mas também quero manter ele só para mim.

Concordo com a cabeça.

– Mas, com Laura, não era o que você está pensando – prossegue ele rapidamente, embora eu não tenha ideia do que ele está supondo. – Ela não era como outras garotas da cidade. Ela era inteligente, Charlie. Não era inteligente como você. Diferente. Tipo, *sábia*. A gente se dava muito bem. Ela sempre queria vir aqui. Sempre me pedia. Mas eu gostava de deixar ela vir. Sabe quando você encontra uma pessoa e sente que a conheceu durante toda a vida? Era assim. Muito fácil. Não era como as outras garotas que vêm aqui. A gente nunca se pegou muito, embora ela fosse mais velha. Ela era estranha em relação a essas coisas. Mas eu nunca me importei. Não era por isso que eu trazia ela aqui.

Nada disso clareou minha confusão. Os ombros de Jasper estavam encurvados. Ele parecia derrotado e triste.

– Quem faria isso? Quem? Você conhecia ela... Há alguém que poderia ter feito isso? Que gostaria de fazer isso?

– Tenho uma suspeita – diz ele, e acende outro cigarro. Apesar do ar parado nesse lugar, ele protege a brasa com a mão em concha. Jasper não me oferece um, mas, dessa vez, quase desejo que o tivesse feito. – Acho que sei quem pode

ter feito isso. Foi o primeiro nome que me veio à mente e não consigo esquecer. Fico pensando nisso. E acho que posso estar certo.

– Quem? – Inclino-me para a frente.

Ele bate o cigarro, baixa-o até a coxa e vira-se para mim.

– Jack Lionel. Acho que foi Jack Lionel.

Meus olhos se arregalam.

– Veja, Charlie, quando digo que o vi várias vezes é porque ele está atrás de mim, mais do que qualquer pessoa nesta cidade. Com certeza. Ele é um maldito de um maluco. Todas as vezes que passo pela casa dele a caminho daqui, *todas* as vezes, ele sai para a varanda, gesticulando e gritando, chamando meu nome. Muito estranho. Ele sabe meu *nome*, Charlie. Acho que ele está atrás de mim. Só pode estar. Com certeza.

É demais. É rápido demais. Estou desesperadamente perdido. E com medo. Agora eu gostaria mesmo daquele cigarro. Observo sua brasa âmbar crescer e cair a cada tragada. Parece reconfortante. Sinto-me cansado. Quero me sentar. Ou me deitar nesse pedaço macio de terra. Mas não posso. Estou envolvido. É isso o que não entendo: que, de alguma forma, fui enredado.

– Mas o que isso tem a ver com Laura? Se Mad Jack Lionel quer *voce*, por que ele faria isso?

– Porque ele estava na varanda e gritava sempre que eu passava com Laura. Portanto, ele a viu. Sabia que passávamos muito tempo juntos. Ela também o viu. Ela tinha muito medo dele. Ele a deixava toda perturbada e tensa. Então, talvez ele tenha *seguido* a gente. Ele é o único em quem consigo pensar que poderia ter nos seguido. Ou talvez ele soubesse, de alguma forma, para onde íamos. Talvez ele saiba sobre este lugar. Talvez tenha sido ele, Charlie.

Jasper antecipa minha próxima pergunta.

– Toda noite que ele me vê, ele corre, grita e berra sem parar. Toda noite. Toda noite, exceto *esta*, Charlie. Você se lembra? Nenhuma luz acesa. Nadinha. E a gente ficou ali fora, *esperando*. Nenhuma palavra.

Franzo a testa. Não me sinto mais tão deslocado. Mordo a parte interna das bochechas. Lágrimas repentinas ardem em meus olhos. Realmente não quero chorar, mas estou irritado. E atordoado. E com muito medo. Não sei. Sinto-me traído. Ou algo parecido. Na maior parte, porém, apenas apavorado. Minha voz falha e se enfraquece.

– Espere, depois de suspeitar que Mad Jack Lionel *matou* alguém, você me buscou e me levou direto à casa dele? Sem me dizer *por quê*? E então me trou-

xe aqui para ver isso! E há uma chance de que esse louco ainda esteja por aí, esperando por você ou por nós? Por quê? Por que você faria isso comigo? Sai fora. E... *foda-se*. Estou indo embora. Estou indo *embora*, porra.

Trinco os dentes com força para evitar que as lágrimas brotem. Minhas narinas queimam, minha língua se dilata e minha boca tem um gosto azedo. Nunca xinguei assim antes. É estranho. E, é claro, não vou a lugar algum. Estou preso aqui. Não há como escapar. De coisa alguma. Desse lugar, dessa confusão. Jasper Jones é a minha passagem de volta.

E ele caminha na minha direção, com o cigarro repousando entre os lábios. Estende uma das mãos até meu ombro e é imediatamente tranquilizador.

– Não vá ainda, Charlie. Por favor, parceiro. Preciso que você me ajude. Não sei o que fazer. Realmente não sei. Eu sinto muito. Sinto, mesmo.

Pisco muitas vezes. Fungo, cuspo e ajeito meus óculos. A mão de Jasper permanece no meu ombro.

– Escute. Você está seguro aqui, comigo, Charlie. Confie em mim. Você precisa confiar em mim. Como eu confio em você. Sei que você é um cara bom. Eu sei. Vamos fazer a coisa certa. Vamos, sim.

Balanço a cabeça.

– Mas o *quê*? O que vamos fazer? Não percebe quão inútil é tudo isso? Não somos detetives! Isso não é Nancy Drew! Isso é sério. Não podemos fazer investigações. Não podemos *falar* com as pessoas. Não podemos *fazer* nada.

– Mas podemos tentar. E isso é mais do que a polícia de Corrigan fará se eu for até lá agora e contar a eles o que aconteceu. O caso será encerrado antes de ser aberto, Charlie. Eles marcarão a porra da data do julgamento antes do enterro. Você sabe. Você *conhece* esta cidade. Eu não preciso fazer nada para estar encrencado. Por isso a gente precisa descobrir quem fez isso. A gente *precisa* descobrir.

E, por mais que seja absurdo e ilógico, há algo irresistível no raciocínio de Jasper. É fácil aceitar que ele realmente pode estar certo. Que ele *irá* para a cadeia por algo que não fez. Que esta cidade *é* tão desonesta e baixa. Que Mad Jack Lionel pode ser responsável por isso. Que depende *mesmo* de nós. Que a maldição sobre a cabeça de Jasper é tão densa e má. E talvez nós *possamos* resolver isso e acertar as coisas. Talvez eu seja a única pessoa em Corrigan que acreditaria em Jasper Jones. Talvez tenha sido por isso que ele veio a mim. Talvez tenha sido por isso que ele me procurou. O que significa que, por algum motivo, ele confiou em mim desde o momento em que pulou a cerca dos fundos

da minha casa e se aproximou do meu quarto feito com tábuas de madeira impermeáveis. Ele deve me considerar verdadeiro e justo. Como Atticus Finch: digno, sensato e sábio. Ou, nesta cidade, a coisa mais perto disso. Ou talvez ele simplesmente saiba que não tenho coragem para trair sua confiança. Talvez seja uma mistura de ambos. Segurança e confiança. Embora eu prefira a ideia de estar sentado tarde da noite, absorvendo Mark Twain, enquanto Jasper Jones corria até mim em busca do meu equilíbrio e da minha sabedoria. Como se eu fosse o próprio Salomão. A pessoa a quem você recorre quando tudo dá horivelmente errado.

Porém, estou longe da verdade. Não sei que ajuda posso oferecer. Estou perdido. Não consigo olhar para a esquerda. Bloqueei o cadáver de Laura da minha visão e da minha mente, mas ela continua pressionando, continua insistindo. Ela está tão perto. É muito em que pensar. É demais para absorver. É muito rápido. Muito, muito rápido. Parecemos ignorar intencionalmente Laura Wishart. Enforcada. Pendendo. A poucos metros de distância. Se não olharmos, se não falarmos perto dela, ela se dissolverá na noite. E isso não terá acontecido. E poderei voltar para casa, dormir e acordar sem o peso dessa descoberta.

Após um silêncio considerável, viro-me para Jasper e solto uma corrente de ar pelas narinas. Falo, em voz baixa:

– Tudo bem. E se *eu* avisar? Apenas eu. Sem você. E se eu for à polícia, ou meus pais, agora mesmo, e contar a eles o que vi? Não menciono seu nome. Jamais.

Jasper Jones belisca o queixo. Então, balança a cabeça abruptamente.

– Não vai funcionar, Charlie. Primeiro, por que você estaria aqui, sozinho? Não faz sentido.

Dou de ombros.

– Eu poderia dizer que estive à toa o verão inteiro. Pescando e fazendo coisas assim. Explorando. O que for. Qualquer coisa. Nada demais.

– Com todo o respeito, Charlie, acho que ninguém vai acreditar nisso, muito menos seus pais e especialmente o sargento.

– Eles poderiam acreditar – retruco indignado.

– E, em segundo lugar, assim que descobrirem onde ela está, meia dúzia de garotas na cidade vai reconhecer este lugar e contar para a polícia quem trouxe elas aqui. Eles notarão um padrão, certo? E aí saberão que você me acobertou. Eles descobrirão, não se preocupe. E, depois disso, Charlie, você será apenas um acessório. Com certeza. E aí eu não terei chance.

Limpei o suor da minha testa. Passei a mão atrás da cabeça.

– Ok. Tudo bem. Suponha, então, que a gente tire ela daqui. Se é principalmente o fato de Laura estar *aqui* o que causará problemas, suponha que levemos o corpo para outro lugar, mais perto da cidade para que outra pessoa o encontre. Descubra o corpo. Você sabe... pela primeira vez. Desse jeito, você tem uma chance, certo? Desse jeito, você não será ligado a ela.

Mal posso acreditar no que estou dizendo. Sinceramente, não posso estar propondo isso. Certamente. Mas, pelo modo como está coçando o queixo, Jasper parece considerar a possibilidade. Meu estômago se embrulha. Quero retirar o que disse imediatamente.

– Entendo o que está dizendo, Charlie. Mas é arriscado demais, parceiro. Se alguém nos vir, nos pegar, estamos acabados na mesma hora. Eles nem farão perguntas, seremos culpados no ato. Mesmo se não formos pegos, a polícia não é idiota. Eles vão saber. Eles vão saber que ela foi transportada. Podemos deixar pistas ou qualquer coisa. Merda, eles podem até seguir nosso rastro até aqui.

– É arriscado demais – concordo imediatamente.

– Mas gosto do seu raciocínio. Eu não tinha pensado nisso.

Viro-me.

– Tudo bem, Jasper. E se descobrirmos quem fez isso? Suponha que, de algum modo, a gente encontre provas para condenar Mad Jack. E aí? O que vamos fazer? Dizer a ele que confesse? Enviar uma carta anônima?

Jasper Jones mexe nos pelos de um dos braços e funga.

– Acho que a gente atravessa essa ponte quando chegar no rio. Quero dizer, ainda não sabemos as circunstâncias nem nada, certo? Quem sabe? Podemos nem precisar tomar essa decisão. Mas precisamos *tentar*, Charlie. Precisamos. Nós devemos a verdade a ela, certo?

Balanço suavemente a cabeça e suspiro. Aquilo não faz sentido: encobrir o ocorrido com mentiras para descobrir a verdade. Tento argumentar com ele, como Atticus faria.

– Jasper, ainda há uma chance de que não culpem você. Há uma *chance*, não há? Escute, ainda podemos fazer isso direito. Contar às pessoas certas. Às autoridades. Agir de acordo com a lei. Quer dizer, você ainda está protegido pela *lei*, pelo...

– Cristo, Charlie! Não estou protegido por merda nenhuma. Olhe, você está com medo. Você está lavando as mãos. Você sabe que isso não é honesto. Você *sabe* o que vai acontecer. Esta cidade... Eles pensam que sou um maldito

animal. Eles acham que meu lugar é numa jaula, e isso aqui é apenas uma desculpa para me trancar. Eles não precisam mais do verão aqui. Tudo o que importa é a aparência. Estou *encrencado*, Charlie. Encrencado, de verdade. E não posso fugir, porque eles encontrarão Laura e me encontrarão. Tenho que aguentar. A gente precisa fazer isso.

Aninhei a cabeça nas mãos, levantei os óculos e esfreguei os olhos com as palmas.

– *Fazer?* Fazer o *quê?* O que diabos vamos *fazer?*

– Só consigo pensar em uma coisa. Só uma coisa que vai me salvar por enquanto.

Ergo os olhos. Minha visão está embaçada e estou cansado.

– O *quê?*

– Temos de enterrar ela. Esconder ela. Aqui. Nós.

– O *quê?* – Olho para Jasper, horrorizado.

– É a única maneira, Charlie.

– Não é a única maneira! *Você* está com medo!

– É, eu *sei*. Mas tenho algo de verdade para sentir medo. É a única maneira, por enquanto, para eu me livrar de uma encrenca. *Você* não vê?

Balanço a cabeça. Incrédulo. Tento desesperadamente imaginar alternativas, modos para escapar.

– Não. Não podemos. Não podemos enterrá-la aqui e agora. Ok? Não sei. Não temos pás. Nem nada. De qualquer modo, levará horas. O sol terá saído antes que a gente termine. E vai parecer terrivelmente suspeito se eu chegar em casa, depois de ter saído escondido, sujo como merda por ter cavado uma *sepultura*, e aí, de repente, todo mundo souber que Laura Wishart sumiu.

– Não é no chão, Charlie. É ali.

E Jasper Jones gesticula em direção à represa e sua superfície imóvel como um lençol. Meu estômago dá um nó.

Nós afogaremos a morta.

– A represa?

– É.

Estou preso numa corrente, sendo arrastado contra minha vontade para lugares cada vez mais fundos e distantes.

– Mas, e a família dela? Eles não têm o direito de enterrar a própria filha? De se despedir? E Eliza? E quanto aos últimos rituais e sacramentos e todas essas coisas? E quanto às crenças da família?

– Você acredita nisso?

– Não importa em que *eu* acredito! Não é essa a questão.

– Escute. Eu sei que o pai dela não é bom. É um imprestável e bebe mais do que o meu pai. E a mãe dela quase um zumbi. A mulher mais estranha que já vi. Com certeza. E eu sei que não tem nada a ver. Mas, no fim do dia, acho que eles estarão mais preocupados com a verdade do que com o modo como ela foi enterrada. E isso é tudo o que vamos fazer, Charlie. Vamos ganhar tempo para descobrir quem fez isso. E, não sei, depois que isso acabar, quando Mad Jack for preso, talvez a gente ainda possa ajeitar as coisas. Nós saberemos onde ela estará, certo?

Não consigo acreditar naquilo. Estou sendo puxado ainda mais para baixo. Olho de relance para a figura pendurada de Laura Wishart e sinto um novo fluxo de enjoo e medo. Ela é um fantasma tênue. Não é real. Nem esse lugar.

– Não sei, Jasper. E se *não* descobrirmos? Nunca? E se os Wishart nunca souberem *nenhuma* parte da verdade? E se você estiver enganado? Se estivermos enganados a respeito de Corrigan? A respeito de Mad Jack? A respeito de tudo?

Subitamente, Jasper levanta-se, abanando a cabeça e assomando-se, enorme. Ele ataca o ar como se tentasse pegar um inseto que passava.

– O que você prefere, parceiro? Quer que eu vá para a prisão por nada, só para que os Wishart possam se despedir apropriadamente? Eu não *planejei* isso, planejei? Só estou tentando fazer a coisa certa sem acabar enforcado daquele jeito. – Ele aponta para Laura, com os olhos grudados furiosamente em mim. – Porque *é* essa porra o que vai acontecer. E você *sabe*. E eu *juro* a você, novamente, por minha mãe, que eu não sabia nadinha a respeito disso. Que venho aqui esta noite e, encontro ela e não sei o que fazer além de salvar meu próprio traseiro e depois, talvez, tentar resolver o caso. E é por isso que preciso da sua ajuda. Porque você é inteligente e é diferente dos outros, e pensei que, com toda a certeza, você entenderia. Quero dizer, *merda*, eu corri um grande risco quando procurei você, Charlie.

Baixei os olhos e permaneci calado.

– Para mim, é uma coisa séria confiar em você, Charlie. É perigoso. E estou pedindo a você para fazer o mesmo. Não posso forçar você a ficar quieto. Mas esperava que você pudesse ver as coisas pelo meu lado. É o que você faz, certo? Quando está lendo. Você vê como é para outra pessoa.

Concordo.

– Bem, Charlie, pense neste espaço aqui e pense no que isso significa para mim. E pense no que tenho de fazer. O que é a coisa certa.

Sinto-me cruelmente resignado. Como as coisas podiam ser tão confusas e complexas fora dessa sossegada bolha de terra? Laura Wishart, seu corpo pendurado, não deveria ser nossa responsabilidade. Não deveria ser nosso problema. Deveríamos poder falar com as pessoas certas. Deveríamos poder fugir como meninos assustados, apontar, ofegar e nos esconder num lugar seguro. Não deveríamos descobrir a verdade. Laura Wishart foi enforcada, e Jasper Jones está numa séria enrascada. De algum modo, estou no meio disso.

Jasper se acalma. Ele se agacha e mexe grosseiramente no cabelo.

– Mas, Charlie, só para você saber... Se ficar do meu lado, se me ajudar, nada vai acontecer com você. Nada. Falo sério. Se algo acontecer, farei tudo o que for preciso para limpar sua barra, ok? Você não precisa se preocupar. E isso é uma promessa.

Concordo novamente.

– Você precisa ser corajoso, Charlie. É o que tem de fazer. Sei que você entende o que eu disse e por que estou tão encrencado. Eu... eu precisei criar coragem cedo. Desde que me lembro. Tive de fazer isso bem depressa, Charlie. Tem dias em que me sinto tão *velho*, sabe?

– Sim, eu sei – digo.

– Sabe, todo mundo aqui tem medo de alguma coisa e de nada. Nessa cidade é assim que eles vivem, e nem sabem. Eles se prendem ao que conhecem, ao que contaram a eles. Não entendem que é apenas uma escolha que você faz.

Ergo a cabeça e olho Jasper nos olhos.

– Quer dizer, sei que as pessoas sempre tiveram medo de mim. Crianças, principalmente, mas velhos também. Cautelosos. Eles acham que sou metade animal e tenho metade de um voto. Que não presto. E eu sempre pensei: *por quê?* Eles nem me *conhecem*. Ninguém me conhece. Nunca fez sentido. Mas então me dei conta de que é exatamente por isso. É só isso. É tão estúpido, Charlie. Mas significa que não odeio mais eles.

Como essa noite é estanha e provocadora. Como me sinto diferente, abandonado e agitado. Como um globo de neve que foi sacudido. Há uma nevasca no meu globo. Tudo no meu mundo que era firme, seguro e forte foi sacudido, e agora está à deriva, e rodopiando em uma cascata de escombros. Um livro que eu conhecia de cor foi rasgado e jogado no ar. Tudo foi agitado com rigor e tumulto. Tudo foi desenraizado e quebrado. Uma dúzia de desastres ao mes-

mo tempo. Não consigo começar a juntar os pedaços e tentar colocá-los onde estavam. É como se eu tivesse de rastejar para fora da minha própria casca de ovo e emergir. E, um pouco como Jasper Jones, não tenho mais o luxo de escolher o momento certo. Não posso me desenrolar do meu casulo quando estiver bem e pronto. Fui arrancado antes e deixado no frio.

Nutrimos aquele silêncio estranho e vazio por algum tempo. Nossas cabeças viradas para longe da árvore.

Jasper finalmente sugere darmos uma última olhada ao redor. Uma inspeção final dos arredores antes que o perturbemos para sempre. Não protesto, mas fico bem perto dele, encolhendo-me quando nos aproximamos do corpo de Laura.

Estou distraído demais para me concentrar realmente em detalhes. Nem sei o que devo procurar. Pegadas, acho. Provas. Uma confissão rabiscada. Qualquer coisa. Mas, de todo modo, tudo é tão estranho para mim que não faço ideia do que é inconsistente. Isso simplesmente reafirma quão irremediável é esta confusão. Quão firmemente as desvantagens estão empilhadas contra nós. Jasper franze a testa e se curva ligeiramente enquanto anda.

Percorremos toda a área sob o luar. Não demora muito. Quando termina de inspecionar o último dos arbustos, passando as mãos pelos galhos esqueléticos, Jasper assente, satisfeito.

– Bem, eles devem ter vindo pelo caminho que eu uso. Como a gente veio – diz ele, finalmente, gesticulando em direção às acácias, absorto em pensamentos. Ele aponta. – Mas, olhe, o capim parece ter sido pisado até aquele arbusto. Mas não muito. Não sei. Pode significar qualquer coisa. Talvez ela tenha tentado fugir. Não sabemos. Não sabemos nada. Nem sabemos se eles enforcaram ela. Quer dizer, propriamente.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer que qualquer coisa pode ter acontecido aqui, Charlie. Eles podem ter matado ela e pendurado o corpo para parecer que ela se enforcou. A gente simplesmente não sabe.

Balanço a cabeça distraidamente, distante. É muito para pensar. Pergunto-me como Jasper continua tão firme e equilibrado. Como é capaz de fazer esse tipo de consideração aqui e agora. Eu simplesmente o acompanho num torpor mudo.

Ergo os olhos e Jasper está me olhando. Pacientemente. O mundo está girando.

– Está pronto, Charlie?

Encaro-o inexpressivamente.

Jasper Jones me observa por mais um momento. Então, ele me diz para esperar onde estou, o que me deixa aliviado. Meus pés, minhas sandálias afrescalhadas estão enraizados na terra.

Observo Jasper caminhar em direção ao eucalipto. Ele se inclina no oco cavernoso da sua base. Assim que some da minha vista, sou atacado pela ansiedade. Meu rabo tenta rastejar para dentro de si mesmo e minha cabeça é uma espiral branca. Ele emerge, segurando uma faca larga pelo cabo.

Observo-o prendê-la na bermuda através dos passadores do cinto. Ele está tão perto do cadáver de Laura, tão perto, que poderia tocá-la, mas mantém a cabeça abaixada.

Jasper começa a escalar a árvore. Apesar da minha proximidade em relação à cena, apesar da pressão nauseante desse pequeno enredo e seu ar sufocante, sinto-me quase totalmente deslocado enquanto a presencio. Como se assistisse a uma aranha subindo por uma parede. Jasper se agarra à saliência resistente e dá impulso para cima, e eu penso em Jeffrey Lu. Lembro-me de que amanhã é a estreia do seu jogador favorito, Doug Walters. Aposto que Jeffrey mal conseguirá dormir essa noite por causa da expectativa. Imagino se Doug Walters está tão sem ar e nervoso quanto eu agora. Pergunto-me se ele conseguirá dormir. Pergunto-me se alguma vez ele viu uma pessoa morta.

A escalada de Jasper fica mais vagarosa à medida que ele se aproxima do galho. Ele se move aos poucos. É verdade: parece uma escalada difícil. É preciso ser forte e ágil.

Observando a tensão e o esforço nos braços e nas panturrilhas de Jasper, me pergunto como Jack Lionel pode ter feito o mesmo. Parece um feito improvável. Eu nunca chegaria perto daquele galho, nem da saliência, como um velho conseguiria? Mas não pergunto a Jasper Jones. Fico parado aqui e espero.

Aproximando-se do enrugado começo do galho, Jasper contorce o corpo e se eleva, soltando as pernas numa demonstração de confiança que eu nunca conseguiria exibir. Ele parece destemido. Como um acrobata de circo, experiente e seguro. Ele se balança, ergue-se e posiciona-se no galho. Então, move-se em direção à corda.

Meu coração se agita. E, subitamente, estou um pouco menos deslocado, e insuportavelmente ansioso enquanto ele busca sua faca. Estou cansado e nervoso. Com medo e paralisado. Acho que sinto tudo ao mesmo tempo, recordo-me de tudo. No entanto, não penso mais em Jeffrey. E não penso nos Wishart. Minha cabeça se resume a batidas rítmicas enquanto observo Jasper serrar cui-

dadosamente o grosso laço que suspende Laura. Posso ouvir minha respiração. Meus dedos estão cerrados, mas não consigo soltá-los.

E ela cai de repente. Rápido. Como uma pipa branca caindo no chão, sua comprida rabiola balançando preguiçosamente. Ela se dobra e se enrugua. Como uma boneca. Como um saco de ossos molhados. Com um baque suave e horrível quando encontra a terra. Um som que me lembra que ela é apenas carne morta. E acho que não deveria estar, mas estou chocado com sua falta de vida. Ela parece tão pesada. Tão desamparada. Meu corpo efervesce. Parece que há formigas andando por mim. Jasper joga sua faca; a lâmina penetra facilmente o chão. Ele começa a deslizar pelo tronco.

Quando chega ao solo, curva-se e se aproxima dela muito cautelosamente. Eu não me mexi. Espero que ele não queira que eu me mova.

Jasper ajoelha-se. E ajeita ternamente os braços e pernas de Laura, alinha seu corpo. Como se ela apenas dormisse profundamente e ele tomasse cuidado para não a despertar. Penso que o vejo limpar o rosto dela com as costas de uma das mãos, mas não tenho certeza. Seus movimentos são lentos e pensados. Respeitosos. Sinto-me estranho, como se presenciasse algo muito pessoal. Como se tivesse ido sorrateiramente até a janela do quarto de Jasper e bisbilhotasse algo íntimo ali dentro. Eu deveria virar o rosto e desviar o olhar. Não devo compartilhar aquilo. Mas estou misteriosamente preso. Cuidadosamente, Jasper Jones desfaz o nó em volta do pescoço dela. Aquilo é tórrido demais para assistir. Meus ouvidos estão atentos. Acho que Jasper está ficando frustrado. Ele puxa o nó, mas este não cede.

Então, meus pés se movimentam. Não sei como. Vejo-me ajoelhando-me cautelosamente.

Jasper ergue o olhar brevemente.

– Oi, Charlie – diz ele, como se eu estivesse apenas passando por ali.

Não respondo. Estou paralisado. E aterrorizado. A cor do rosto dela. Seu inchaço. O olhar vidrado. Sinto-me mal. Seu olho direito está escuro e dilatado. Há um pequeno corte no seu queixo, outro na sobrançelha. Ela apanhou. Muito. É verdade. Meu estômago se embrulha. Estou tremendo enquanto ajeito meus óculos.

– Não quero isso no pescoço dela – diz Jasper em voz baixa, com a cabeça baixa. – Mas não consigo desfazer o nó. Nem é um nó corredio. Olhe. É apenas um nó. É tudo aparência. Talvez ela só tenha sido enforcada depois. Talvez ela tenha morrido antes. Preciso cortar o nó, Charlie. Mas preciso tomar cuidado.

Concordo com a cabeça.

Jasper levanta-se para pegar a faca. Imediatamente, quero que ele volte.

Ele serra a corda com a precisão de um cirurgião, como se pudesse machucá-la. Tudo o que consigo ouvir são aqueles talhos leves. Thic. Thic. Thic. Finalmente, a corda cede. Salto ligeiramente. É como se tivéssemos conquistado algo significativo. E Jasper retira a corda devagar. Como se soltasse um colar precioso.

Não creio que nenhum de nós esteja preparado para os sulcos escuros no pescoço dela. Sinto minha pele se arrepiar. Minhas mãos ficam dormentes. Nós inspiramos profundamente e prendemos a respiração. Jasper faz um ruído como se houvesse algo preso na sua garganta. Ele está contraindo a mandíbula.

Jasper inspeciona ligeiramente o corpo de Laura. Toca os arranhões finos na bochecha e no ombro. Corre os dedos por seus macios braços de alabastro. É um exame estranho e silencioso. Espero que ele não queira que eu faça o mesmo. Ele olha para as pernas, as coxas e os pés dela. Franze a testa. Então, levanta a bainha da camisola. Imediatamente, me esquivo. Viro-me e olho para o chão. Acho que sei o que ele está olhando. E acho que sei o que está procurando.

Quando olho novamente, Jasper não está ali. Desapareceu.

É claro que entro em pânico. Nervoso, viro a cabeça de um lado para o outro, depois para trás. Outra onda de arrepios cobre minhas costas como uma capa. Não consigo vê-lo em lugar algum. Estou sozinho nessa clareira. As paredes de folhas se assomam. Elas avançam na minha direção. Encolho-me, agachando-me. Olhos arregalados. Estendo o braço para me equilibrar e toco o ombro de Laura; ela está morna e recuo como se tivesse tocado em algo que queima. Grito com medo. Ela está *morna*. Acho que vou desmaiar. Bem aqui. Bem ao lado dela. Aquela neblina está abaixando novamente.

Estou tonto e enjoado. E é como se tocá-la tivesse selado meu destino. Estou nesta história. Laura não pode ser ignorada. Ela é real. Eu a toquei agora. Presenciei seus últimos momentos de calor, seus momentos finais. Por algum motivo, forço-me a olhar para seu rosto. Olho-o profundamente. Sua expressão é estranha. Um pouco intrigada e surpresa e triste e aterrorizada, tudo ao mesmo tempo. E imagino se essa era sua expressão quando a vida a deixou. Congelada no tempo. Imagino se era isso que ela estava sentindo. Penso em como ela se parece com sua irmã Eliza. E penso no momento em que Eliza saberá sobre isso, o que me quebra em duas partes.

Ouço um farfalhar indistinto do outro lado do eucalipto. Não sei se sinto medo ou alívio. Levanto-me com um salto.

– *Jasper!* – sussurro.

E ele emerge, carregando, com ambas as mãos, um pedaço considerável de granito. Coloca-o ao lado da coxa de Laura. Se eu não soubesse para o que serviria aquela pedra, se não estivesse atordoado pelo que faríamos, estaria gritando com ele por me deixar sozinho daquela maneira.

Balanço a cabeça devagar, abatido. Estou perto do meu limite. Estou mesmo. Jasper para por um momento e nos entreolhamos. Não resta nada a ser dito.

Após algum tempo, ele se ajoelha. Inclinando-se, rola a pedra em direção aos pés de Laura. Observo-o pegar a corda e enrolá-la firmemente em volta da pedra, fazendo um nó na ponta. Jasper pigarreja e, delicadamente, ergue os pés nus de Laura. Eles são pequenos, magros e sujos. Com a outra extremidade da corda ele cuidadosamente amarra seus tornozelos juntos. Isso lhe dói. Acho que o ouço murmurar um pedido de desculpas.

Jasper puxa com força para apertar os nós. Os pés de Laura se erguem. Como se amarrasse os cadarços dos sapatos de uma criança desatenta. Suas palmas devem estar suadas, pois a todo momento as esfrega na camisa. Está abafado e sufocante neste lugar. O ar é espesso e quente. Difícil de respirar.

Quando levanta as pernas dela, a bainha da camisola sobe, e Jasper faz uma pausa para ajustá-la, puxando-a até o lugar correto. Ele a ajeita por cima dos joelhos. Mesmo agora, embora estejamos apenas nós aqui, embora estejamos nos preparando para nos livrar dela, ele tenta lhe propiciar alguma dignidade. Tenta tratá-la como sempre deve ter feito. E me parece que talvez eles fossem mais próximos do que Jasper indicou. Ele parece um tanto familiarizado em tocá-la delicadamente. Talvez eles estivessem apaixonados. Talvez ela fosse a garota dele.

Jasper puxa a corda habilmente, em cada extremidade com nós. Ele corre a mão pela pedra e parece sombriamente satisfeito.

Laura Wishart está morta e ancorada a um pedaço de granito. E Jasper Jones está ajoelhado, observando-a em silêncio. Seus olhos se semicerram; ele respira profundamente e fica ali por um longo tempo. Apenas olhando. Como se tivesse cantado suavemente para ela dormir e estivesse simplesmente sentado à cabeceira da sua cama durante algum tempo, antes de sair do quarto dela.

E eu não sei o que sentir ao absorver tudo aquilo. É triste e é afetuoso, mas é tão arrepiante e surreal. Não preciso me lembrar de que ela está morta. Vi seus

olhos. Toquei-a. Ela não está mais aqui. Sem dúvida. Pode estar morna, porém não está mais nesta dimensão. Posso perceber, posso sentir sua ausência. E se ela passou para outro lugar ou se simplesmente foi desligada como uma luz, não sei. Mas, de repente, tudo isso, de qualquer modo, não parece importante.

Jasper Jones move-se, aproximando-se mais do rosto dela. Corre as costas da mão pela face de Laura. Dessa vez, vejo com certeza. E me dói. Ele passa a mão aberta pelo rosto, um toque suave e a expressão dela muda. Seus olhos são fechados, mas ela não parece tranquila. Quero rearmá-la, esculpi-la. Ela parece tensa, com uma preocupação distante, como se estivesse assustada no meio de um sonho horrível. E não quero que ela carregue essa sensação para sempre. Não quero fazer isso. Não quero afundá-la naquele poço, condená-la a essa represa. Mas sou parte disso. Sou o aliado de Jasper Jones. Estou cometendo um crime. Esse não é um ato honroso. Olhe para ela! Olhe o que nos diz com sua testa, com sua boca retesada! Ela não quer isso! Ela não quer ir!

Jasper ergue-se, e eu recuo um passo. Ele se vira.

– Tudo bem, Charlie – diz ele.

E não sei o que isso quer dizer até ele apontar para ela. Ele está atrás da pedra. Devo segurá-la entre os ombros, sob os braços. Essa é minha tarefa. Devo erguê-la. Pesada e rendida. Devo carregá-la em direção à água.

E é o que faço. Curvo-me sobre ela, agarrando-a e lutando contra seu peso. Arrasto os pés para me equilibrar. Ah, ela está morna. Sua cabeça pende para um lado. Trinco os dentes e puxo o ar pelas narinas. Olho para Jasper, que segura a pedra firme contra a barriga. Estamos parados. Ela está curvada no meio. Como se estivesse deitada numa rede. Está escorregando. E a bainha da camisola sobe, novamente. E sei que incomoda Jasper Jones, pois ele franze a testa.

– Você está pronto? – pergunta ele.

– Ela está escorregando – digo. – Ela vai cair.

– Ponha seus cotovelos sob os braços dela e abrace seu peito. É mais fácil.

Mas não quero. Agora, estou segurando-a pelas axilas e perdendo a força nas mãos. Não quero segurar nenhuma outra parte dela. Não quero abraçar seu peito. Quanto mais eu a toco, mais sou culpado por aquilo. Ela está escorregando. Abano a cabeça.

– Ela vai cair! Ponha ela no chão! Ponha ela no chão! – digo, em pânico.

– Cuidado! Cuidado! – instrui Jasper, como se ela fosse uma mobília frágil e pudéssemos quebrá-la facilmente. Nós nos curvamos juntos e a deitamos no

chão. Estou ofegando. Minha boca está tensionada e seca. Respiro fortemente pelo nariz. Jasper espera pacientemente, embora eu sinta que ele tem pressa.

Preciso ser corajoso.

Enxugo a testa. Balanço os ombros e tento endurecer as costas. Então, seco minhas palmas na camisa. Estufo as bochechas. Jasper se abaixa e ergue a pedra.

Seguro Laura Wishart sob os braços. Mais ou menos. Ela está escorregando novamente. Arrasto-me para o lado. Estamos levando-a para a água. A poucos metros. Estamos na beira, que, mesmo no verão, é ampla e cheia. É uma nascente larga e serena.

Jasper fala baixinho:

– Conte até três, Charlie, tudo bem?

E nós a balançamos. Nós a balançamos como se fosse uma brincadeira inocente, como se jogássemos nossa amiga na água por diversão.

Um. Dois. Três.

Não sou forte o bastante para jogá-la. E, então, a pedra que Jasper joga alto e com força simplesmente arranca o corpo do meu fraco aperto. E é um mergulho denso e profundo. Uma pancada. E quase sou levado junto. Quase a sigo. Há um tranco brusco e nauseante quando ela é arrancada, mas Jasper me equilibra colocando uma das mãos no meu ombro. E observamos. Por um momento, ela boia. Então, vemos ela afundar. É bagunçado e sem elegância. A bolha inchada da sua camisola. Nós, os coveiros. Nós a observamos ir embora. Não podemos salvá-la. Observamos as marolas chegarem aos nossos pés. E ela se vai. Ela realmente se vai.

Nós a afogamos.

Nós somos monstros.

Fico imóvel. Minhas mãos caídas ao lado do corpo. E observo as últimas vibrações da água, o suavizar do rastro. Observo-o até sumir. E fico fascinado, por algum tempo, pela superfície lisa e sombria, como vidro. É estranho pensar que naquela tarde Laura Wishart talvez tivesse passeado por Corrigan, despreocupada e ingênua. Com suas amigas. Com sua irmã. Agora está ancorada ao fundo desse tanque escuro pela corda que a executou. Laura Wishart foi engolida pela água. Para nunca mais voltar. E eu a ajudei em seu caminho.

Temo que eu possa cambalear para a frente e seguir a descida de Laura. Sinto até um leve puxão na direção da água.

Até ouvir Jasper Jones. Ele não está ao meu lado. Viro-me rapidamente. Está de costas para mim. Uma das mãos está apoiada no tronco da árvore. E minha boca se abre quando vejo seus ombros se sacudindo, quando ouço o tremor da sua respiração.

Há uma dor na minha garganta. Eu deveria andar até ele e dizer alguma coisa forte, confiante e sensata. Olhá-lo nos olhos. Mas não vou. Apenas espio. Sua outra mão toca o rosto. Aquilo é real. Seus joelhos estão curvados e os músculos, retesados. Meu lábio começa a tremer nas extremidades.

E me sento pesadamente e choro, com a cabeça entre as coxas. Muito silenciosa e comedidamente. Tiro os óculos e limpo os olhos com as costas do punho. Não entendo o que aconteceu. Preciso cagar. Preciso tomar banho. Preciso dormir. Esta noite me roubou coisas preciosas que jamais recuperarei. Sinto-me roubado, mas não me sinto enganado por Jasper Jones. É um vazio curioso. Como quando você se muda para uma casa nova e não há móveis nem paredes familiares; o mesmo tipo de mistura esquisita de desamparo e transtorno. É uma sensação de solidão.

Aperto bem os olhos. Não quero fungar, pois Jasper saberá que também estive chorando; por isso, aperto o nariz e o desentupo.

Quando ergo o olhar e coloco os óculos, vejo que Jasper está sentado, apoiado na base encurvada da árvore. Ele parece exausto. Há uma garrafa no seu colo. Está cheia. Não tem rótulo. Seus olhos estão vidrados. Ele ergue o rosto e balança a cabeça lentamente de um lado para outro.

Bebe um gole rápido. Então, olha para baixo e agita a garrafa para mim. Estou extremamente tentado, mas abano a cabeça e mostro uma das palmas.

Jasper passa a mão grosseiramente pelo rosto e puxa a pele no queixo. Acende um cigarro. Descansa os braços sobre os joelhos.

– Pode me dar um? – pergunto.

Jasper sorri. Retira um cigarro do maço e o endireita. Enfia o cigarro com força entre os lábios enquanto ele me oferece fogo. E me inclino, hesitante, em direção à chama, como se fosse beijar o traseiro de um cavalo e esperasse um coice.

– Peraí, peraí! – interrompe Jasper, ainda sorrindo. – A outra ponta, Charlie. Essa é o filtro, está vendo?

Jasper tira o cigarro de minha boca, acende-o e devolve-o.

Eu esperava tossir, mas não tanto. Uma tragada espreme meus pulmões como se fosse uma pequena toalha. Pigarreio e cuspo. Tento me acalmar e fracasso.

– É a... asma e essas coisas. Toda a... umidade. É. Normalmente, eu... – Olho por cima do nariz para o cigarro na minha mão como se ele tivesse dito algo para me confundir. Sem necessidade, bato a cinza, queimo a ponta do dedo indicador e largo o cigarro. É claro que meu instinto é alcançá-lo e pegá-lo, o que, para minha surpresa, consigo fazer, e, então, queimo a palma da mão esquerda. Odeio esse cigarro. E agora tenho de fumá-lo.

Arranco o capim macio entre minhas pernas. Parece que fomos abatidos por uma tempestade e estamos sentados entre os destroços. Permanecemos por muito tempo sentados sob aquele cobertor de silêncio.

Jasper continua entornando sua garrafa. Não sei o que dizer. Está tão sinistramente silencioso que consigo ouvir o crepitar do papel quando ele traga o cigarro. O leve toque dos seus lábios. Deixo meu cigarro queimar discretamente entre meus dedos.

– Parece que estou sonhando com tudo isso – digo.

Jasper ergue as sobrancelhas.

– É. Eu sei. Toda essa noite. Toda essa noite maluca. Puta merda, eu queria que fosse um sonho, Charlie. Não sei como dizer. É como se alguma coisa tivesse sido arrancada de mim.

Ele esmaga o cigarro e guarda-o no bolso. Aproveito a oportunidade para fazer o mesmo. Ele acende outro e prossegue.

– Laura era a única pessoa que já senti que *conhecia*. Tipo, eu nem precisava fazer perguntas. Eu simplesmente me sentia à vontade. Ela era como minha namorada, minha mãe e minha família, tudo ao mesmo tempo, sabe? Tudo era sempre fácil. Quer dizer, às vezes ela tinha umas coisas e ficava sentada ali, sem dizer nada, mas, por algum motivo, eu também entendia. E, de qualquer modo, eu também fico assim. Mas, na maioria das vezes, ela era muito divertida. E inteligente, Charlie. Como eu disse.

Jasper está virando a garrafa. A metade já se foi. Franzo o rosto. Preocupo-me por ele ficar bêbado demais e a gente não conseguir voltar pelo mato.

Jasper lê minha mente.

– Tá tudo bem, Charlie. Eu aguento beber. Não sou como meu coroa, e ele é branquelo. Quer um pouco? Toma, vai.

Hesitante, estendo o braço para a garrafa fria e úmida, mais para ele ir devagar do que para saciar um desejo. Cheiro o gargalo e recuo.

– O que é isso?

– Uísque. Tem gosto de mijo e óleo.

Bebo um gole incendiário. É claro que a bebida ataca minha boca e queima toda a garganta. Engasgo imediatamente, secando os lábios e tentando manter meus pulmões controlados. Inclino a cabeça e finjo ler, com olhos enevoados, um rótulo que não está ali. Essa porcaria é um veneno. E me dou conta de que fui traído pelos dois vícios que a ficção prometeu que eu adoraria. Sal Paradise demarcava garrafas de bebida como uma dona de casa num comercial de detergente. Holden Caulfield buscava seus cigarros como um ato de fé. Mesmo Huckleberry Finn fumava seu cachimbo com alívio e satisfação. Não posso confiar em nada. Se sexo for tão ruim assim, nunca mais leio. A essa altura, provavelmente queimarei meu pau e acabarei lesionado.

Olho para minhas sandálias e tento disfarçar minha repugnância.

– Que merda. Normalmente eu bebo... o que é isso... *puro*... malte?

– Não faço ideia, parceiro. Não tive muito tempo para ler o rótulo. Quem pede não pode escolher, Charlie. Você pega o que consegue.

– Você quer dizer que *roubou* isso? – pergunto, devolvendo a garrafa para seus dedos estendidos.

– Bem, eu não *paguei* por isso. Roubei do meu coroa. Bem na frente dele. Ele estava apagado, abraçado a uma garrafa vazia, então peguei a cheia, que estava na mesa.

Balanço lentamente a cabeça enquanto Jasper faz uma pausa para engolir.

– Mas provavelmente alguém já disse a você que sou um ladrão, certo? Sou um larápio. Roubo coisas.

Faço uma pausa, tentando escolher as palavras certas.

– Está tudo bem, Charlie. Você não pode evitar o que ouve. Mas foi *isso* que ouviu, não foi?

– É, acho que sim.

– Bem, o que você não sabe, Charlie, o que ninguém dirá, além de mim, é que, fora o bolso do meu coroa, eu *nunca* roubei algo de que não precisasse. Com certeza. Estou falando de comida, fósforos, às vezes roupas, essas coisas. Nada importante, nunca. Nada que fizesse falta às pessoas. E, veja, são essas pessoas que esperam três refeições por dia, têm roupas passadas, uma esposa, um carro e um emprego que olham para mim como se eu fosse lixo. Como se eu tivesse escolha. Como se eu fosse um nada que precisasse evoluir. E são essas pessoas que dizem aos seus filhos que eu não presto. Elas não sabem merda nenhuma sobre o que significa ser eu. Nunca perguntam por quê. Por que ele

rouba? Acham que é minha natureza. Como se eu não soubesse ser melhor. E sabe o que mais, Charlie? Nunca fui pego. Nem perto disso. Todos eles apenas suspeitam. *Esperam*. É claro que ele é um ladrão, dizem. É claro que ele incendiou a agência dos correios. É claro que ele enforcou aquela pobre garota. Aquela pobre garota.

Os lábios de Jasper estão úmidos. Ele está começando a enrolar as palavras.

– Seu pai não compra nem comida? – pergunto, e me arrependo da minha incredulidade.

– Está brincando, não é?

– Bem, não sei. Em que ele gasta dinheiro?

– Na maior parte, bebida, putas e cavalos. Mas tudo diminuiu desde que ele ficou desempregado. Faz meses que ele não trabalha. O imprestável devia entrar para o exército. Ir para a porcaria do Vietnã ou qualquer coisa e ficar por lá. Eu me ajitaria.

– Então, o que você rouba do seu pai? – pergunto, pressionando-o.

– Bem, principalmente as coisas que quero. Cigarros, bebida, dinheiro, quando tem. O que houver nos bolsos dele. O truque é pegar quando ele está totalmente apagado, porque assim ele não pode ter certeza se perdeu, bebeu, fumou ou gastou o dinheiro. Se estiver realmente de porre, ele nem nota. É sempre diferente. Às vezes, após ter sido roubado, se suspeita de que fui eu, ele deixa passar, porque se sente culpado, mas não é sempre.

– Alguma vez *voce* se sentiu culpado? Por pegar as coisas dele?

– Nenhuma vez, parceiro. Sabe, da parte dele, eu simplesmente acho que ele me deve. Ele é meu pai, merda. Eu *tenho* de pegar, Charlie, porque ele nunca vai me oferecer. Em toda a minha vida, tudo foi tirado de mim, então estou equilibrando a balança.

Concordo com a cabeça. Jasper continua.

– Mas você não pode pensar assim o tempo todo. É um jeito venenoso de pensar. Não tem sentido ficar sentado, sentindo pena de si mesmo, porque outros garotos ganham presentes de Natal ou seus coroas se importam com eles ou eles têm mães que cozinham bem ou sei lá o quê.

– É, mas você tem o direito de...

– Não, esqueça isso, Charlie. Eu já disse que não quero pensar assim. Não há nada nisso. Não sei. Não quero levar a vida como esses vagabundos que vivem esperando que sua sorte seja uma merda porque ela sempre foi assim. Não. A gente sempre acha que as coisas serão diferentes quando sairmos dessa cidade,

sabe? É quando a gente acha que tudo vai mudar. A gente vai se mudar para a cidade grande e faturar milhões. Com certeza.

– A gente?

– É. A gente.

Jasper olha para baixo e cobre o gargalo da garrafa com o polegar. A sensação de opressão me ataca novamente. Quero mantê-la distante, o que é mais fácil quando ele está falando.

– Qual é o seu plano? Quando você sair daqui quero dizer? – pergunto.

– Bem, ainda não pensei muito bem, mas vou achar alguma coisa. Tenho algumas ideias. Futebol, talvez. Quem sabe? Ostras, no norte. Dá para ganhar um bom dinheiro com essas sacaninhas. Ou talvez eu possa trabalhar numa mina, botar um pouco de ouro nos bolsos. Aprender um ofício. Não sei. Qualquer coisa, menos engraxate. E você? Provavelmente a universidade, certo?

Eu me retraio um pouco. Sem jeito. De repente, parece desrespeitoso falar sobre isso agora, falar sobre o futuro quando Laura Wishart foi roubada do seu. Não parece *importar*. Mas talvez seja essa a questão. Talvez toda essa conversa seja para Jasper. Talvez ela esteja fazendo a mesma coisa que aquela garrafa horrível: tentando acalmar nossas mentes, destruir um pouco do pânico.

– Não sei – respondo. – Sempre adorei ler e tal. Livros, poemas. Então, talvez escrever. Sempre achei que seria isso. Escrever livros. Inventar histórias.

Tento me expressar com um dar de ombros ambivalente, como se fosse um pensamento fugaz, como se não fosse a única coisa em meu coração desde que aprendi a ler.

Para minha surpresa, Jasper assente em aprovação.

– É. Acho que com certeza, Charlie.

– Você acha?

– Sem dúvida. Acho que você vai ser ótimo. Vai se mudar para alguma cidade grande, com uma máquina de escrever. Conhecer pessoas, contar suas histórias. Talvez você possa escrever minha história algum dia. Aí faremos um filme baseado nela, com certeza. Imagine só.

E imagino. Jasper faz soar tão possível e plausível que eu possa deixar Corri-gan para ser escritor. Contar histórias inventadas para sobreviver. Fazer literatura importante, verdadeira. Quando tenho vontade, gosto de me imaginar como um autor famoso num austero salão de baile, iluminado por candelabros, onde brinco com poetas *beat* e romancistas como Harper Lee e Truman Capote.

Mas Jasper Jones interrompe meu devaneio. Ele está de pé e balançando o corpo, curvado como se tivesse sido baleado na barriga. Antes que eu entre em pânico, ele começa a expulsar aquele líquido nocivo na forma de um fluxo grosso que parece quase brilhar. Ele agarra a garrafa vazia. Seu vômito tem um cheiro azedo. Está irrompendo dele. Jasper comprime o corpo violentamente, como se estivesse sendo agarrado e socado na barriga por agressores invisíveis. Ele vomita e tosse, respirando pesadamente, acororado. Cospe e geme baixinho antes de vomitar novamente. Então, finalmente se levanta.

– Achei que você tivesse dito que aguentava beber. – falo.

Jasper cospe novamente, limpa a boca e sorri.

– É, eu aguento, mas não por muito tempo.

Ele se vira e cambaleia em direção à represa. Ajoelhando-se, enche a garrafa com água. Parece debilitado. E desaba contra a árvore e mais uma vez, antes de conseguir beber alguma coisa. A garrafa cai. Ele apaga. Absorto e entregue. Talvez seja tudo o que ele quisesse.

Noto que, subitamente, aquele espaço parece mais claro. Primeiro, penso se me acostumei à escuridão, se me adaptei. Então, levanto-me correndo e sacudindo-o para acordá-lo.

– Jasper, *merda!* Está quase amanhecendo! A gente tem de voltar. Agora! Se meus pais souberem que saí, estou ferrado!

Jasper Jones pisca e olha lentamente para cima.

– O quê? – Ele parece ponderar. – É, você tem razão. Ok, Charlie. Só um segundinho.

Sua fala é arrastada. Agora realmente receio que a gente se perca na volta. Mas não tanto quanto temo que meus pais encontrem minha cama vazia. Nem consigo imaginar.

– Não. Temos de ir agora!

Jasper se levanta, instável e caminha, pesado. Ele coloca uma das mãos no meu ombro. Olha-me com atenção, mas vagamente. Cheio de tristeza. Seu bafo é como ácido.

– Tá bom. Vamos.

Ele faz uma pausa. E oscilando ligeiramente, continua ali e olha para cima, para o eucalipto fantasmagórico. Apesar da minha urgência preocupada, não o apresso. Ele encara a árvore uma última vez antes de nos virarmos para ir embora.

A caminhada parece muito mais rápida do que quando viemos. Talvez porque eu saiba aonde vou, ou porque, na minha pressa, estou quase pisando nos calcanhares de Jasper.

Seus ombros caíram ligeiramente para a frente. Ele não caminha com aquela intensidade ou atitude de costas eretas que tinha antes. Sacode o maço de cigarros. Vazio. Por esse motivo, enfia as mãos nos bolsos. Caminhamos silenciosa e rapidamente. Acima de nós, passarinhos se agitam e gorjeiam seu canto matinal. O sol surge como um arauto da condenação. Estranhamente, quanto mais fácil é enxergar e andar, mais receoso e apreensivo eu fico. Mas, pelo menos, a noite acabou. Há algum alívio nisso. Não preciso enterrar mais ninguém. Em breve, poderei dormir. Talvez. Por pelo menos duas horas.

Chegamos à trilha estreita. E, quando caminhamos por ela tenho uma estranha sensação de afinidade, como se fôssemos velhos amigos. Ela não vem sem uma parcela de conforto. Eu sei onde estamos. Não há nada além de familiaridade diante de mim. O mesmo acontece quando saímos do mato para a estrada. É como se eu estivesse fora por muito tempo e finalmente chegasse em casa. Com um terrível segredo que preciso cauterizar e esconder.

A luz é cinzenta e sombria, mas se ensifina rapidamente. Talvez consigamos chegar antes que o mundo acorde. Talvez.

Agora, ando lado a lado com Jasper Jones. Pondero se devemos ou não nos separar, se é perigoso sermos vistos juntos. Ou, mais precisamente, entendo que, se eu for visto com Jasper Jones, poderá levantar suspeita. Respiro rapidamente, prestes a abordar o assunto, mas me confiro antes. Subitamente, não quero. E não é uma questão de bravura. Não sei. Parece que, por termos passado por algo sério e importante, tenho um verdadeiro senso de lealdade. Sinto que, se nos separássemos ali, mancharíamos uma espécie de pacto tácito. Somos companheiros em uma espécie de guerra particular. De repente, parece importante permanecermos juntos, lado a lado.

E, quando chegamos ao centro sépia de Corrigan – o Sindicato dos mineiros, o Sovereign Hotel, a recém-reformada agência dos correios, em seguida o assomar da humilhante delegacia –, eu me dou conta de que estou envolvido nisso. Muito envolvido. Qualquer que seja o resultado. É claro que estou com medo. Mas, caminhando à sombra dele, também sou atingido por uma espécie de antecipação. Jasper Jones e eu, detetives e parceiros. Cúmplices. Apesar de tudo, me empolga um pouco saber que certamente o verei de novo. Que ele precisa da minha ajuda. Não me sinto mais tão ridículo caminhando ao lado

dele. Não me sinto como um aliado incompatível. Enquanto o resto dessa cidade olha para Jasper Jones como se ele não prestasse, me anima que ele me trate como um igual.

Ao virarmos finalmente na minha rua e caminhararmos depressa diante de largos jardins, marginando a lateral da minha casa, permito-me algum alívio. Aparentemente, meus pais ainda estão dormindo. Não fui pego por ninguém. Ainda. Não imagino que terei essa sorte por muito tempo. Os acontecimentos dessa noite ainda se espreitam em mim, frios e inquietos. Anco-rados e presos, como aquela pobre garota que amarramos a uma pedra. Quando eu estiver menos atordoado e cansado, vai doer. Vai borbulhar e irromper, eu sei.

Amanhece. Está claro. Mas ainda parece noite.

Viro-me para Jasper. Ele parece exausto. E me ocorre que, nessa coisa, não há folga para ele, não há conforto, nenhum lugar aonde ele possa ir, se deitar e ser cuidado. Não mais. Se ele tinha algum lugar nesse mundo, era o lugar de onde viemos; o lugar que partiu seu coração e o colocou em perigo. Ele tem razão: por toda a sua vida, tudo foi tirado dele.

Ele parece esgotado e bêbado, mas arqueia as costas com um tranco, projetando novamente aquela força.

Pergunto-me aonde ele vai. Se ele vai se sentar em algum lugar tranquilo e esperar a agitação, ou se vai para casa, se pudéssemos chamar aquilo de casa.

Sinto-me podre pelo que tenho. Pelo que sempre tive. Sinto-me estúpido e mesquinho por ter me queixado de qualquer coisa. Sinto-me como um babaca mimado, prestes a voltar para meu ninho seguro enquanto Jasper Jones suporta sua carga sozinho. Não é justo. Não é justo, de jeito nenhum. Quero convidar Jasper para entrar, dar-lhe minha cama, e me odeio porque não posso e não vou fazer isso. Sinto-me enjoado porque vou acordar e encontrar meu café da manhã pronto. Porque minha mãe está viva e porque meu pai é um bondoso abstêmio. Não é certo. Simplesmente não é certo que eu tenha tantas coisas que ele não tem. Eu poderia chorar novamente, mas acho que estou cansado demais até para fazer isso. Sinto-me tão exausto e oprimido.

Enxugo a testa. Eu tinha razão: meu alívio foi breve.

Jasper Jones me mostra um fraco e rápido sorriso e segura meu braço. Então, enfia as mãos nos bolsos. Não dizemos qualquer palavra. Apenas nos olhamos, assentimos e movemos os pés. Não há o que dizer.

Tiro minhas sandálias afrescadas e ando silenciosamente até a janela. Ergo o corpo e me seguro, como se estivesse num cavalo de pau, mas estou empacado. Viro a cabeça e sussurro:

– Dá uma força?

E Jasper se aproxima e me levanta facilmente. Atravesso. Consegui. De volta à minha cama.

– Obrigado – sussurro pela janela.

– É, o mesmo para você – diz ele. – A gente se vê, Charlie. – Ele hesita, como se tivesse algo mais a dizer, mas apenas acena ligeiramente.

E some.

Recoloco as ripas de vidro. Sinto que invadi meu próprio quarto. Não parece o mesmo lugar que deixei. Não parece meu lar, mas parece seguro. Já posso sentir o calor do dia, e a luz ainda tem um tom azulado. Noto quão sujo estou, suado e arranhado, quão urgentemente meu coração bate contra as costelas. Laura Wishart se foi. Realmente. Foi morta numa estranha clareira conhecida apenas por Jasper Jones. E eu a vi, pendurada por uma corda. Já morta. Ajudei a carregá-la para um poço e joguei-a e ela afundou como uma pedra. Isso é irrefutável. Isso é verdade. Isso é o que sabemos. Estou com sede. Estou enrascado. Sinto-me mal e não consigo conter esse tremor. Por algum motivo, simplesmente sei que, se eu ficar junto a Jasper Jones, estarei bem. Que há alguma espécie de proteção e de retidão. Deito-me. E, por enquanto, acabou-se.